JUAN RODRIGUES DE PAULA

**AQUILES E SEU CALCANHAR: UM ESTUDO SOBRE A FORÇA
E A FRAQUEZA DO ESTADO NO SÉCULO XXI (Prognósticos e
tendências do Estado contemporâneo)**

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO
ORIENTADOR PROFESSOR TITULAR ENRIQUE RICARDO
LEWANDOWSKI

FACULDADE DE DIREITO DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
SÃO PAULO

2020

JUAN R.
DE PAULA

**AQUILES E SEU CALCANHAR: UM ESTUDO SOBRE
A FORÇA E A FRAQUEZA DO ESTADO NO SÉCULO XXI
(Prognósticos e tendências do Estado contemporâneo)**

MESTRADO
FDUSP
2020

VERSÃO CORRIGIDA

JUAN RODRIGUES DE PAULA

**AQUILES E SEU CALCANHAR: UM ESTUDO SOBRE A FORÇA
E A FRAQUEZA DO ESTADO NO SÉCULO XXI (Prognósticos e
tendências do Estado contemporâneo)**

ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: TEORIA GERAL DO ESTADO
LINHA DE PESQUISA: TENDÊNCIAS DO ESTADO
CONTEMPORÂNEO

Dissertação apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em Direito, da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Direito, na área de concentração Teoria Geral do Estado, sob a orientação do digníssimo Orientador Professor Titular Enrique Ricardo Lewandowski.

FACULDADE DE DIREITO DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
SÃO PAULO

2020

Autorizo a divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo

De Paula, Juan Rodrigues

Aquiles e seu calcanhar: um estudo sobre a força e a fraqueza do Estado no século XXI (Prognósticos e tendências do Estado contemporâneo) / Juan Rodrigues de Paula. -- São Paulo: USP / Faculdade de Direito, 2020.

355 f.: il.

Orientador: Professor Titular Enrique Ricardo Lewandowski.

Versão Final (Dissertação de mestrado), Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo, Departamento de Direito do Estado, Área de concentração: Teoria Geral do Estado, 2020.

1. Atualização do Estado. 2. Complexidade. 3. Crise epistemológica. 4. Democracia. 5. Estado. 6. Globalização. 7. Poder. 8. Previsão do futuro. 9. Redes. 10. Relações Internacionais. XI. Século XXI. 12. Sociedade da informação I. Lewandowski, Enrique Ricardo. II. Título.

CDU

NOME: DE PAULA, Juan Rodrigues

TÍTULO: AQUILES E SEU CALCANHAR: UM ESTUDO SOBRE A FORÇA E A FRAQUEZA DO ESTADO NO SÉCULO XXI (Prognósticos e tendências do Estado contemporâneo)

ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: Teoria Geral do Estado

LINHA DE PESQUISA: Tendências do Estado contemporâneo

Dissertação apresentada ao Departamento de
Direito do Estado da Faculdade de Direito da
Universidade de São Paulo (DES/FDUSP)
para obtenção do título de mestre em Direito.

APROVADO EM:

BANCA EXAMINADORA

Prof. Presidente da Banca Examinadora _____

Assinatura: _____

Prof. Dr. (1) _____

Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. (2) _____

Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. (3) _____

Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Ao meus pais (“*Munit haec et altera vincit*”),
Ao professor Dalmo de Abreu Dallari,
Ao meu orientador professor Lewandowski,
À Academia (“*Scientia Vincet*”).

AGRADECIMENTOS

Preliminarmente, cabe nota que, na vida de um pesquisador, há, por suposto, uma linearidade e um progresso do texto acadêmico construídos no decorrer da produção científica. Fato é que esta dissertação é “filha” das minhas pesquisas anteriores sobre o Estado, pelas quais pude estudar à época - na iniciação científica e na Tese de Láurea -, pressupostos fundamentais que me auxiliaram a produzir a presente obra. Deste modo, há que agradecer a todos e todas que contribuíram com os meus trabalhos passados os quais possibilitaram a produção desta monografia, com carinho especial agradeço pelas obras passadas ao professor Dalmo de Abreu Dallari por suas valiosas contribuições às minhas pesquisas, ao meu orientador, o professor Enrique Ricardo Lewandowski, meu norte e minha inspiração, e ao professor Celso Lafer, por sua sabedoria e moderação.

Dito isto, verifico uma trajetória profícua e um devir lapidado. Nesta jornada identifico mulheres e homens que, sonhando em conjunto um mundo melhor, somaram em energia e em sabedoria ao meu trabalho e são elas que serão representadas pelas personalidades inframencionadas as quais agradeço imensamente.

Agradeço, antes de tudo, a Deus pela vida, pelo valor da justiça e pela expressividade do belo.

Agradeço novamente ao meu orientador professor Enrique Ricardo Lewandowski, amigo, mestre e referência maior, o senhor é o milagre da personificação do Estado. O senhor me ensinou que na vida é necessário defender os frágeis e belos valores e sentimentos cultivados por milênios pela humanidade, é isto que pretendo fazer no decorrer de minha vida.

Agradeço aos professores que foram entrevistados por mim a título do capítulo “Os múltiplos olhares sobre o futuro de Aquiles/do Estado”, os quais eu cumprimento na pessoa do meu orientador. Ao professor José Faria, meu muito obrigado pela enorme contribuição acadêmica e demonstração de inteligência superior. Agradeço ao professor Marcelo Neves pela brilhante reflexão sobre o Estado e os novos tempos, reiterando meu grande apreço por ser minha referência acadêmica. À professora Giselda Hironaka, cabe meu carinho e apreço

especiais pelas importantes reflexões sobre o futuro do direito privado e do Estado. Ao professor Celso Lafer, agradeço novamente pela prudência e grandeza trazidas à minha dissertação. Ao professor Juliano Maranhão agradeço pela contribuição arrojada e vanguardista sobre tecnologia e Estado. Ao professor Tércio Sampaio Ferraz Jr. cabe meu imenso agradecimento, destaco ainda a grande honra de poder ouvir suas sábias palavras sobre o futuro do direito. Ao professor Pedro Dallari agradeço pela importante contribuição a respeito do futuro das organizações internacionais e das tendências transnacionais, basilares ao debate sobre o futuro do Estado. Ao professor Lênio Streck agradeço por suas profundas e pertinentes reflexões a respeito do ser humano e do direito. À professora Cristine Conforti, por apresentar o que há de mais elevado a respeito do projeto educacional e de cidadania do século XXI. Ao professor Alexandre Moreli agradeço pelo sopro interdisciplinar e exato que arejou este meu trabalho. Ao professor Sabino Cassese por fim agradeço imensamente, em nome do Largo de São Francisco e da Universidade de São Paulo, por propiciar a integração e a cooperação científica internacional entre os conhecimentos desenvolvidos nas academias em prol do futuro da humanidade.

Agradeço também aos professores José Gomes Canotilho, Joseph Samuel Nye Jr. e Yuval Noah Harari que infelizmente não puderam contribuir para a produção destas entrevistas, mas que transmitiram os votos de estima e de consideração.

Saúdo ainda a todos os professores e professoras da Casa, em especial aos professores do Departamento de Direito do Estado, por todas as lições sobre o Estado, a Constituição e as instituições, bem como agradeço a todos os funcionários e funcionárias do Largo, com destaque a Maria dos Remédios, funcionária pública exemplar que me ensinou tudo que sei sobre as normas técnicas de produção de trabalho científico, a ela meu muito obrigado.

Agradeço à Casa do Estudante, meu lar, que permitiu que eu pudesse ter abrigo na cidade de São Paulo desde a época da graduação. Serei sempre grato. Seus valores são dignos: promover igualdade de oportunidades àqueles que moram longe ou que não possuem condições financeiras para morar em São Paulo, por meio de um vínculo de fraternidade, amor e respeito.

Agradeço também ao meu grande amigo André Jorgetto de Almeida por todas sugestões e auxílios na produção desta obra e, sobretudo, por toda amizade, construída no

decorrer dos anos de graduação no Largo São Francisco, e que perdurará por toda a vida. Na pessoa de André, agradeço ainda a todos e todas que direto ou indiretamente auxiliaram na produção desta obra, os quais, prometo que cumprimentarei pessoalmente no momento oportuno.

Concluo agradecendo à humanidade. Não há como negar a existência de Deus ao se olhar o mundo e os seres humanos, ao se olhar a natureza e os objetos, os sentimentos e as ações, o saber e o viver. Agradeço-lhe por representar dignamente a grandeza metafísica e por me ensinar todos os dias a trilhar o caminho da virtuosidade, da beleza, dos bons sentimentos e da esperança. Sim, há dores no mundo - antigas, crônicas, por vezes, ensurdecedoras -, mas é possível acreditar que para toda dor, os homens, inspirados pela metafísica, encontrarão a cura.

“(...) a predição do futuro (do Estado – grifo nosso) representa um desafio que precisa ser aceito, pois, na medida em que forem encontradas as respostas adequadas a cada indagação, o futuro deixará de ser um reino de incerteza e de perigo para se converter numa expectativa de progresso e bem-estar”.

(DALLARI, 2007)

“Come ho già scritto, vi sarà certamente un potere politico o pubblico, anche se i suoi tratti caratteristici non corrisponderanno necessariamente a quelli degli Stati che conosciamo. Probabilmente non sarà possibile chiamarli ancora Stati. Ma certamente avranno compiti e strutture ereditate dagli Stati¹”.

(CASSESE, 2020)

¹ Interrogado sobre o futuro do Estado em entrevista (Apêndice J), Sabino Cassese disse o seguinte: “Como já escrevi, certamente haverá poder político ou público, mesmo que suas características não correspondam necessariamente às dos Estados que conhecemos. Provavelmente não será possível chamá-los de Estados novamente. Mas eles certamente terão tarefas e estruturas herdadas dos Estados” (tradução nossa).

RESUMO

DE PAULA, Juan Rodrigues. AQUILES E SEU CALCANHAR: UM ESTUDO SOBRE A FORÇA E A FRAQUEZA DO ESTADO NO SÉCULO XXI (Prognósticos e tendências do Estado contemporâneo). 2020. Dissertação (Mestrado em Direito do Estado) – Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020.

A monografia disserta sobre as principais tendências do Estado contemporâneo, o futuro do Estado e analisa seu possível fim. Para tanto, define um recorte temporal a partir de 1945 (Pós-Segunda Guerra Mundial), e analisa a atual conjuntura e suas implicações ao Estado contemporâneo. Sob uma visão doutrinária complexa, institucional interdependente e mutativa do estado faz um intenso diálogo juspolítico entre os autores pertinentes às específicas escolas afins, tendo como base o método transdisciplinar. Para compreensão do fenômeno estudado foi utilizada uma abordagem complexa da sociedade, uma revisão conceitual dos elementos formadores do Estado e a inserção da variável de atualização do Estado e da dinâmica social. Compreendeu-se majoritariamente que o Estado sofrerá alterações significativas nos campos (i) político-jurídico, decorrente da crise da democracia, da evolução das instituições domésticas e internacionais e das crises do direito, (ii) econômico, decorrente de todas as consequências do sistema capitalista global e (iii) paradigmático, decorrente das escolhas e dos ideais reivindicados e defendidos pela sociedade. Nota-se ainda que o principal agente das mudanças do Estado e promovedor da globalização será a tecnologia digital. Aparentemente, não se percebe o fim do Estado nas próximas décadas, caso ele se ajuste às demandas promovidas pelas mudanças sociais. Hipoteticamente, se um dia o Estado se extinguir, sua substituição ocorrerá por meio de outra instituição com as mesmas características (“mesmo DNA”).

Palavras-chave: Atualização do Estado. Complexidade. Crise epistemológica. Democracia. Estado. Globalização. Poder. Previsão do futuro. Redes. Relações Internacionais. Século XXI. Sociedade da informação.

ABSTRACT

DE PAULA, Juan Rodrigues. AQUILES E SEU CALCANHAR: UM ESTUDO SOBRE A FORÇA E A FRAQUEZA DO ESTADO NO SÉCULO XXI (Prognósticos e tendências do Estado contemporâneo). 2020. Thesis (Master's degree in State Law) – Law Faculty, University of São Paulo, São Paulo, 2020.

The dissertation discusses about the main trends of the contemporary State, the future of the State and analyzes its possible end. To this end, it defines a time frame starting from 1945 (Post-World War II), and analyzes the current situation and its implications for the contemporary State. Under a complex doctrinal, interdependent and changing institutional view of the state, it makes an intense juspolitical dialogue between the authors pertinent to specific related schools, based on the transdisciplinary method. To understand the studied phenomenon, it uses a complex approach to society, a conceptual review of the elements that make up the State and the insertion of the State's update variable and social dynamics. It was mostly understood that the State will undergo significant changes in the (i) political and legal fields, resulting from the crisis of democracy, the evolution of domestic and international institutions and the crises of law, (ii) economic field, resulting from all the consequences of the global capitalist system, and (iii) paradigmatic field, resulting from the choices and ideals claimed and defended by society. It is also noted that the main agent of changes in the State and the promoter of globalization will be digital technology. Apparently, if it adjusts to the demands promoted by social changes, the end of the state in the coming decades is not perceived. Hypothetically, if one day the State is extinguished, its replacement will occur through another institution with the same characteristics (“same DNA”).

Keywords: 21st century. Complexity. Democracy. Epistemological crisis. Globalization. Information society. International relations. Networks. Power. Predicting the future. State. State Update.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1– Seleção e agrupamento de informações.....	118
Tabela 2 - Epistemologia da Teoria Geral do Estado e do direito.....	119
Tabela 3 – Tecnologia.....	123
Tabela 4 – Economia.....	131
Tabela 5 – Política.....	135
Tabela 6 - Relações Internacionais.....	141
Tabela 7 - Cultura, paradigmas, educação e civilização.....	148
Tabela 8 – Direito.....	152
Tabela 9 – Futuro.....	158
Tabela 10 – O futuro do Estado.....	162

SUMÁRIO

Nota preliminar (I): sobre o título da obra.....	17
Nota preliminar (II): de um trabalho de Teoria Geral do Estado – “pedra angular”.....	20
1 INTRODUÇÃO.....	23
1.1 O TEMA A SER DESENVOLVIDO E SUAS LIMITAÇÕES.....	27
2 FUNDAMENTOS TEÓRICOS E PRESSUPOSTOS.....	29
2.1 JUSTIFICATIVA DA ESCOLHA DO TEMA E SUA IMPORTÂNCIA.....	29
2.2 IMPORTÂNCIA DO TEMA À TEORIA GERAL DO ESTADO.....	31
2.3 METODOLOGIA.....	34
2.3.1 Pressupostos metodológicos.....	34
2.3.2 Métodos e procedimentos.....	36
2.4 OBJETIVOS E PRINCIPAIS QUESTÕES A SEREM ANALISADAS.....	38
2.5 TEORIAS DE BASE.....	39
2.5.1 Complexidade.....	41
2.5.2 Interdependência e cooperação.....	43
2.5.3 Atualização e evolução do Estado.....	45
3 SOBRE O ESTADO CONTEMPORÂNEO: Reflexões a respeito dos acontecimentos de 1945 até os dias atuais.....	48
3.1 HISTORIOGRAFIA E MARCO HISTÓRICO.....	50
3.2 CONJUNTURA.....	51
3.2.1 De 1945 ao Pós-contemporâneo.....	51
3.2.2 Características do Estado contemporâneo.....	58
4 ANÁLISE (I): Uma introdução sobre o futuro de Aquiles/do Estado.....	64
4.1 AS MÚLTIPLAS POSSIBILIDADES DO HOJE.....	65
4.2 UMA HIPÓTESE.....	73
4.2.1 Sobre a economia	74
4.2.2 Sobre a política e o direito.....	81
4.2.3 Sobre a humanidade.....	90

4.2.4 Sobre a tecnologia.....	97
4.3 SÍNTESE: sobre a força e a fraqueza do Estado no século XXI	110
5 ANÁLISE (II): Os múltiplos olhares sobre o futuro de Aquiles/do Estado.....	112
5.1 APRESENTAÇÃO DOS DADOS COLETADOS.....	116
5.2 ANÁLISE QUANTITATIVA E QUALITATIVA DO MATERIAL COLETADO.....	118
5.3 POSSÍVEIS FUTUROS DO ESTADO.....	119
5.3.1 Epistemologia da Teoria Geral do Estado e do direito.....	119
5.3.2 Tecnologia.....	123
5.3.3 Economia.....	130
5.3.4 Política.....	135
5.3.5 Relações Internacionais.....	141
5.3.6 Cultura, paradigmas, educação e civilização.....	148
5.3.7 Direito.....	152
5.3.8 Futuro.....	158
5.4 O CALCANHAR DE AQUILES.....	159
5.5 A FORÇA DE AQUILES.....	160
5.6 FIM DO ESTADO (?)......	161
6 RESULTADOS FINAIS.....	169
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS: “o velho está morrendo e o novo ainda não pode nascer”.....	171
REFERÊNCIAS.....	174
GLOSSÁRIO.....	181
APÊNDICE A – ENTREVISTA COM ALEXANDRE MORELI SOBRE O FUTURO DAS RELAÇÕES ENTRE ESTADOS.....	185
APÊNDICE B – ENTREVISTA COM CELSO LAFER SOBRE O FUTURO DOS DIREITOS HUMANOS.....	206
APÊNDICE C – ENTREVISTA COM CRISTINE CONFORTI SOBRE CIDADANIA E A EDUCAÇÃO NO SÉCULO XXI.....	218

APÊNDICE D – ENTREVISTA COM GISELDA MARIA FERNANDES HIRONAKA SOBRE O FUTURO DO DIREITO PRIVADO.....	244
APÊNDICE E - ENTREVISTA COM JOSÉ EDUARDO FARIA SOBRE O FUTURO DA GLOBALIZAÇÃO.....	259
APÊNDICE F – ENTREVISTA COM JULIANO SOUZA DE ALBUQUERQUE MARANHÃO SOBRE O ESTADO E A INTERNET: OS DESAFIOS DA SOCIEDADE EM REDE.....	282
APÊNDICE G – ENTREVISTA COM LÊNIO STRECK SOBRE O FUTURO DA SOCIEDADE: CIVILIZAÇÃO OU BARBÁRIE?.....	295
APÊNDICE H – ENTREVISTA COM MARCELO NEVES SOBRE O ESTADO E O DIREITO NUMA SOCIEDADE GLOBAL COMPLEXA: CRISE E TRANSFORMAÇÃO	299
APÊNDICE I – ENTREVISTA COM PEDRO DALLARI SOBRE O FUTURO DAS ORGANIZAÇÕES INTERNACIONAIS E DAS PAUTAS TRANSNACIONAIS.....	310
APÊNDICE J – ENTREVISTA COM SABINO CASSESE SOBRE A REESTRUTURAÇÃO DO ESTADO.....	327
APÊNDICE K – ENTREVISTA COM TÉRCIO SAMPAIO FERRAZ JR SOBRE O FUTURO DO DIREITO.....	330
APÊNDICE L – LISTA DE ARTIGOS.....	349

Notas preliminares (I): sobre o título da obra

Antes de tudo, ao professor avaliador da monografia e ao atento leitor, cabe nota inicial sobre o título da obra², que no decorrer da leitura da dissertação, será devidamente explicado pelo próprio conteúdo da dissertação.

Título é coisa difícil de se dar forma. Sobretudo títulos de textos científicos, se se escreve muito, perde-se o objeto, se escreve pouco, não os define. Se é objetivo demais, perde-se a atratividade do texto, se subjetivo, poético e metafórico, peca-se pelo “rococó”³. Para todos os fins, a presente dissertação possui um equilíbrio em seu título. Explica-se.

Primeiramente, cabe nota sobre o mito de Aquiles e seu calcanhar que será utilizado como metáfora/alegoria da força e fraqueza do Estado. Metáforas e analogias médicas e corpóreas são utilizadas no decorrer da história, trazendo a experiência perceptiva, cognitiva e sinestésica aos contextos enunciativos socioculturais. Ao se dizer “coração”, tenderia se a vincular à imagem de “coragem” e “sentimento”, ao se dizer “cabeça”, há de se vincular tal metáfora com “comando” e “liderança”. Assim por diante.

Tais metáforas são próprias dos estudos sobre o Estado, ora, Hobbes ao descrever o Estado moderno à época fizera um importante paralelo deste com Leviatã⁴⁻⁵, a própria Escola Alemã, de Georg Jellinek, buscou traçar à época comparações entre o Estado e o funcionamento dos organismos biológicos e suas partes. Ademais, de tais alegorias derivaram outras como um importante exemplar nacional da alta pesquisa brasileira em Teoria Geral do Estado e Direito Público produzida por Marcelo Neves, o qual foi intitulado “*Entre Têmis e Leviatã*”⁶. O mesmo autor em momento posterior desenvolve outra obra intitulada “*Entre Hidra e Hércules*”⁷ ao tratar das temáticas “princípios e regras

² O título da obra é “AQUILES E SEU CALCANHAR: UM ESTUDO SOBRE A FORÇA E A FRAQUEZA DO ESTADO NO SÉCULO XXI (Prognósticos e tendências do Estado contemporâneo) ”.

³ Estilo artístico derivado do barroco, surgido na França associado ao excesso de detalhes, ornamentos e luxo.

⁴ Leviatã (“Liviyatan”) era um monstro marinho citado no antigo testamento da Bíblia Sagrada.

⁵ Para saber mais sobre a metáfora entre Estado e Leviatã, recomenda-se a leitura de SCHMITT, Carl. *El Leviathan en La teoria del estado de Tomas Hobbes*. Traducción de Francisco Javier Conde. Granada: Editorial Comares, S.L., 2004.

⁶ Este livro será utilizado no presente trabalho cuja temática é o Estado democrático de direito sob a visão de Luhmann e Habermas.

⁷ NEVES, Marcelo. *Entre Hidra e Hércules: princípios e regras constitucionais como diferença paradoxal do sistema jurídico*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

constitucionais no sistema jurídico”, o que demonstra que a área permite o uso das metáforas a respeito do Estado, do direito e de suas instituições.

Como é sabido, Aquiles⁸, semi-deus, é filho de Peleu que reinava sobre a cidade de Ftia, na Tessália - o qual descende em linha direta de Zeus -, e filho de Tétis, filha de Oceano⁹. Remonta seu mito grandioso, que sua mãe o banhou na água do Éstige, o rio infernal, o qual atribuiu poderes de invulnerabilidade a quem mergulhasse em suas águas. Para tanto, Tétis segurou Aquiles pelo calcanhar, e o mergulhou nas águas¹⁰, tornando seu corpo invulnerável, com exceção do calcanhar. Aquiles crescera sob os cuidados da mãe do Centauro, Filira, e de sua mulher, a ninfa Cariclo, seu preceptor era Fénix¹¹. Crescido, começa-se a desenvolver¹² e torna-se o maior guerreiro de seu tempo. Ao partir para a guerra de Tróia recebe a profecia de sua mãe que se fosse à guerra sua vida seria breve e gloriosa, se ficasse, teria uma vida longa e sem glória. Escolhe a primeira opção, morrendo sob a flecha de Páris direcionada por Apolo ao seu calcanhar¹³ (tendão de Aquiles sob a ótica dos anatomistas)¹⁴. Em suma, Homero em sua obra descreve-o como um mito de herói destemido, violento mesmo que sua natureza fosse doce, guerreiro, que amava a glória acima de tudo¹⁵.

A metáfora com o Estado, nesse sentido, encontra respaldo. Assim como Aquiles, o Estado é destemido, violento mesmo que sua natureza e fins sejam ternos e ama a glória acima de tudo. Como se verá no texto, assim como Aquiles, o Estado terá que escolher entre sua vida/soberania, o exercício de seu poder, e sua vida longa, de tal forma, que os perigos apresentados ao Estado estão intrinsicamente ligados à sua característica fundamental de ser poderoso e autônomo. Assim como Aquiles, o Estado, por mais invulnerável que seja, como será mostrado, possui pontos fracos (“calcanhares”) que podem levá-lo ao colapso. Sendo o

⁸ O professor Adriano Scatolin – professor do departamento de letras clássicas da FFLCH/USP concedeu as sugestões de referências bibliográficas sobre Aquiles.

⁹ GRIMAL, Pierre. *Dicionário da mitologia grega e romana*. 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005. p. 35.

¹⁰ *Ibid.*, p. 36.

¹¹ *Ibid.*

¹² “(...)começou a exercitar-se na caça e no adestramento de cavalos, bem como na medicina. Além disso, aprendia a cantar e a manejar a lira, e Quíron exercitava-o na prática das virtudes dos antepassados: o desprezo dos bens deste mundo, o horror à mentira, a moderação, a resistência às más paixões e à dor. Alimentavam-no exclusivamente de entranhas de leões e de javalis, para lhe comunicar a força desses animais, de mel (que lhe devia conceder a doçura e a persuasão), e de medula de urso”. *Ibid.*

¹³ *Ibid.*, p. 39.

¹⁴ MAGNO, Albino Pereira. *Dicionário mitológico*. Lisboa: Livraria Popular, [S.d.]. p. 21.

¹⁵ GRIMAL, Pierre. *Op. Cit.*, p. 39

Estado vinculado diversas vezes a uma figura de “super-homem”, uma entidade quase divina como Aquiles, sua história é mítica, sua crença se perpetua pelas gerações, possibilitando sua institucionalidade no plano real. Ao direcionar a flecha de Páris, Apolo, deus da luz e da juventude, acerta o calcanhar de Aquiles. Seria este o calcanhar do Estado, seu arcaísmo atingido pela luz e pela juventude? Seria a flecha a metáfora perfeita do mundo globalizado, em rede e complexo no qual se vive?

As metáforas e alegorias, como visto, são prementes e não se limitam aos exemplos elencados. Por esta razão, Aquiles e seu calcanhar é a perfeita metáfora entre o Estado poderoso e suas fraquezas.

Dito isto, como complemento, por fim, conforme se verifica na obra, há um interesse em prever o futuro do Estado, por meio de tendências e de verificações metodológicas, por isso a complementação “Prognósticos e tendências do Estado contemporâneo” do título elaborado.

Explicado o título, caro avaliador e leitor.

Notas preliminares (II): de um trabalho de Teoria Geral do Estado – “pedra angular”

Como explicado, o trabalho encontra respaldo na analogia metafórica ou, se preferir, “alegórica” do mito de Aquiles e seu calcanhar como fundamento para compreensão da força e fraqueza do Estado, característica que se perpetuará no decorrer da obra, clarificando a evidente compreensão do Estado enquanto mito que possui forças e fraquezas e que, como aquele, possuiu seu início e que profeticamente terá seu fim.

Cabe ainda nesta segunda nota preliminar uma explicação fundamental ao presente trabalho, qual seja, a reflexão do conceito basilar que suporta a existência e necessidade de um trabalho de Teoria Geral do Estado (“TGE”)¹⁶.

Ao se propor à presente obra, questões assombraram o escritor, tais interrogações possuíram grande relevância por estarem atreladas à delimitação do trabalho e atenção frequente ao objeto, o que, indiretamente reverberava na aplicação do método e nos objetivos alicerçados.

O que é um trabalho de TGE? Sob que pilares tal trabalho se consolida e por qual razão é possível dizer que há uma especificidade e uma diferenciação desta produção científica frente aos outros campos do saber?

Ora, tais interrogações serão respondidas no Capítulo II, seja como for, é fato que o trabalho de TGE deve dialogar com todas as áreas concernentes ao seu estudo por ser inter, multi e transdisciplinar, mas isto não se confunde com o aprofundamento demasiado do debate em outras áreas, sob risco de se perder em reflexões que não possuam relação direta com a área, deixando de ser transdisciplinar, perdendo-se o foco, por conseguinte, a solidificação do conhecimento.

Dalmo DALLARI ensina que TGE não é disciplina presente no campo da ciência política¹⁷, e que aquela se torna autônoma por ser o próprio direito enquanto sujeito estudando o Estado, portanto, é uma visão do Estado com referencial jurídico, de

¹⁶ A sigla TGE será utilizada para substituir “Teoria Geral do Estado”.

¹⁷ DALLARI, Dalmo de Abreu. *Elementos de Teoria Geral do Estado*. 28. ed. São Paulo: Editora Saraiva, 2009. p. 16-18.

importância jurídica, de relevância constitucional e administrativa, não havendo que se confrontar com o debate mais amplo da política, qual seja, o debate dos movimentos transversais políticos e de concepções sociológicas e antropológicas.

A disciplina, portanto, não tem ambição de entender o fenômeno político, a esta ambição existem os cientistas políticos e os internacionalistas, ao contrário, a TGE se preocupa com o Estado, sobre o Estado, para o Estado, a fim de preservação e de melhoria do Estado, enquanto instituição autônoma dos fatores diversos presentes na multiplicidade da sociedade atual, dado que existe política sem os Estados, haja vista os novos atores políticos.

Outra confusão metodológica comum atualmente é perder de vista a centralidade de TGE no campo do Estado enquanto auto-observador, presente no bojo do estudo e do discurso, associando-a com outras disciplinas que estudam o Estado. Como exemplo, as relações internacionais, enquanto campo de estudo, não analisa os estados como objeto central, mas as relações entre eles, outro exemplo, as ciências sociais estudam as dinâmicas sociais e não propriamente o Estado.

Seja como for, a TGE possui um diálogo incessante com as humanidades em geral. É comum, como visto associar TGE com política ou como parte da RIs, e no caso com o Direito, mas o diálogo vai além. Ao Estado importa previsão de riscos, ao Estado, desta forma, importa a estatística. Ao Estado é necessário o domínio de seu território, ao Estado é cara à geografia. Ao Estado é necessário o discurso nacional e o conhecimento de seu próprio mito fundador e da trajetória que teve ao longo dos séculos para entender seu presente, ao Estado é cara a história. Ao Estado é necessário compreender provisionamento e a escassez em busca do combate ao caos, antônimo da ordem, ao Estado é importante à economia. Ora, uma disciplina que estuda um fenômeno totalizante, necessita, por conseguinte, ser totalizante, senão, há um caráter manco dos pressupostos e de sua capacidade analítica.

Assim, para todos os fins, este é um trabalho - do alfa ao ômega - vinculado à área de TGE, seguro de que, independente dos autores, das escolas e dos campos de estudo - os quais terão coerência entre si -, que porventura sejam usados para reforçar os argumentos aqui expostos, jamais o autor soltará as mãos dos pressupostos fundamentais da Teoria Geral do Estado, e da Escola de Pensamento do Professor Dalmo de Abreu Dallari.

Para exemplificar, ao tratar da temática “capitalismo”, por mais que os livros de economia atraíam a consulta, de forma alguma, este trabalho optará por tal redação, e se atentarão ao diálogo dos teóricos da TGE para embasar seus postulados a respeito do capitalismo. Ao tratar de democracia, não se refugiará em um debate prolixo da ciência política, ao contrário, será amparado pelas visões consolidadas da TGE. Ao tratar da “tecnologia do mundo digital”, por mais que a engenharia, a matemática, a medicina, e a filosofia busquem espaço no debate, é preciso compreender que aqui não é o lugar adequado a aprofundar tal tema nos seus campos de atuação, a “tecnologia”, se do interesse do acadêmico de engenharia, deverá ser tratada nos cursos de engenharia, se os estudiosos da medicina verificarem repercussões da temática ao seu progresso, que os médicos e pesquisadores alopáticos tratem de estudar a temática sob o recorte da medicina. Aqui, nesta dissertação, estudar-se-á, por mais relevante que a pauta seja, “tecnologia digital” apenas na medida daquilo que interesse à compreensão e à repercussão de sua existência ao futuro do Estado que é o tema desta monografia.

Por tais razões, o presente pesquisador, com todas as letras expõe que, mesmo que o Estado seja totalizante¹⁸, de modo algum, este trabalho ousará entrar em caminhos perigosos, nem em estradas sinuosas em busca da compreensão “lato” de tudo aquilo que diz respeito ao Estado. Do começo ao fim, este será um trabalho de TGE, com método próprio, com objetivos próprios desvinculados de qualquer força gravitacional imposta por assuntos que apenas tangenciem o objeto central de análise, que é o estudo do futuro do Estado.

A seguir, será apresentada a Introdução, bem como todos pilares epistemológicos e paradigmáticos deste trabalho.

¹⁸ Ao Estado tudo lhe interessa, ou seja, ele possui muitos interesses.

1 INTRODUÇÃO

O presente capítulo, em conjunto com o Capítulo 2, tem papel fundamental de síntese e de aglutinador da dissertação. Aqui caberão a demonstração da articulação existente entre os métodos, os objetivos propostos e o texto inicial que corrobora e antecipa as linhas de pensamento e de posicionamento que serão arguidas.

Pois bem. O século XX ensinou algo, a expectativa é de que os seres humanos do século XXI tenham aprendido. Reflexões feitas pelos teóricos do futuro apresentam uma certa insegurança sobre o século XXI, uma sensação de que o homem acordara de um pesadelo de 100 anos, sobre o qual ainda não sabe ao certo se acabou, se ele já acordou ou se ainda continua sonhando¹⁹. Esta é a conjuntura do século XXI refletida por autores das mais distintas escolas, mas que possuem em comum a compreensão e análise das incertezas que permeiam o futuro da humanidade.

Desde sua formação²⁰, os Estados competem por poder em busca de superioridade em todos os setores em que haja interesse geopolítico, o embate entre eles gera a ascensão de uns, a decadência de outros, tendo se destacado, no decorrer da história, aqueles que possuem, sobretudo, unidade, poder militar e econômico²¹.

Fato é que, conforme será demonstrado no Capítulo 3, o mundo mudara a partir do século XX. Devido aos acontecimentos ocorridos neste século, escolhas foram necessárias. Neste prisma, o homem escolheu fortalecer à sua maneira o sonho cosmopolita. A democracia liberal consolidou-se. A interdependência tornou-se cada vez mais imperativa. A globalização firmou-se como um processo inevitável. A paz mundial às duras penas ainda resiste desde o último conflito global.

Houve marcos históricos fundamentais para tais mudanças. A primeira ocorre em 1945, com o fim da Segunda Guerra Mundial, e a criação da ONU, por meio Carta de São

¹⁹ HARARI, Yuval Noah. *Homo deus: uma breve história do amanhã*. Tradução Paulo Geiger. São Paulo: Companhia das Letras, 2016. p. 11.

²⁰ Não há como definir um único marco para a formação dos estados. Há, no entanto, momentos históricos que permitem traçar determinados marcos iniciais. Um dos marcos históricos é a Paz de Westphalia de 1648 ou a consolidação dos estados modernos após as revoluções burguesas do século XVIII e XIX.

²¹ É possível notar com regularidade características genéricas que se repetem entre os Estados.

Francisco, os Estados soberanamente escolhem uma nova forma de ordem internacional por meio da paz e do respeito aos direitos humanos²².

Se antes anárquica, isolacionista e egocêntrica, inicia-se uma era de intenso diálogo e inclusão entre os Estados. Respostas esperadas, depois dos horrores da guerra, os homens entenderam que não poderiam mais errar²³.

O segundo marco, a crise do petróleo da década de 70 cria ambiente para novas formas de relações internacionais que facilitassem o convívio, sendo um momento de fortalecimento da globalização.

O terceiro marco, a partir da queda do Muro de Berlim de 1989 e do fim da URSS em 1991, há a progressiva aceitação global dos pilares da democracia e do sistema capitalista.

Com tais escolhas definidas no decorrer destas décadas, há crescentes fenômenos oriundos destas alternativas. A seguir importantes caracterizações das transformações que ocorreram no período:

- Crescente institucionalização da ordem internacional por meio de organizações internacionais, tendo como marco a própria ONU de vocação universal;
- Crescente desenvolvimento do direito internacional público e privado, havendo uma integração exponencial de compromissos e de agendas transnacionais;

²² “Nós, os povos das Nações Unidas, decididos: A preservar as gerações vindouras do flagelo da guerra que por duas vezes, no espaço de uma vida humana, trouxe sofrimentos indizíveis à humanidade; A reafirmar a nossa fé nos direitos fundamentais do homem, na dignidade e no valor da pessoa humana, na igualdade de direitos dos homens e das mulheres, assim como das nações, grandes e pequenas; A estabelecer as condições necessárias à manutenção da justiça e do respeito das obrigações decorrentes de tratados e de outras fontes do direito internacional; A promover o progresso social e melhores condições de vida dentro de um conceito mais amplo de liberdade”. Disponível em: < <http://iusgentium.ufsc.br/wp-content/uploads/2016/08/CARTA-DA-ONU.pdf> >. Acesso em: 25 set. 2020.

²³ Compreende-se que a partir de 1945, mesmo que tenha havido um cenário de paz global, de fato, houve momentos de grande tensão e conflitos situados. O que se busca colocar é que não houve neste período uma Terceira Guerra Mundial, o que parece, uma evolução racional dos Estados.

- A criação de blocos regionais favorecendo a integração entre países vizinhos e/ou de interesses correlatos;
- A experiência da UE, como uma entidade supraestatal, que possui traços de federação, cuja fundação ocorrera em 1993;
- Multipolarização do poder, após 1991, uma escalada de novas médias e grandes potências em ascensão;
- O desenvolvimento de novos atores políticos que desempenham papéis importantes de negociação e pressão na ordem internacional, bem como na política doméstica;
- A partir de 1991, a democracia dita os caminhos da humanidade, sem qualquer espaço legítimo a grupos autoritários, oriundos de conjunturas passadas como as ditaduras da América Latina ou do Oriente Médio;
- O comunismo sucumbe ao projeto liberal em 1991, tornando-se o sistema capitalista um projeto hegemônico para o mundo, com visão de liberdades individuais e comerciais;
- Há uma crescente integração entre todos os povos por meio do desenvolvimento da tecnologia e dos meios de comunicação;
- Há um progresso científico e tecnológico entre as grandes academias mundiais favorecendo o progresso sem precedentes, marcada pela Revolução Industrial 4.0, vinculada à era digital;
- A soberania dos países tornou-se mais aberta para assuntos globais e transfronteíricos;
- Há a ascensão do *softpower*²⁴ como mecanismo de poder predominante;
- A guerra passou a ser disputada nas periferias do mundo, perdendo seu caráter apenas militar, transmutando-se para arenas de disputas econômicas e de discurso.

A lista evidentemente vai além, o importante é pontuar as características deste novo tempo e as opções políticas realizadas à época que possibilitaram esse mundo. Por isto o recorte histórico inicia em 1945.

²⁴ Expressão de Joseph Nye para definir “poder brando”, ou seja, formas de poder que se utilizam de mecanismos persuasivos como o cinema, arte e a indústria de massa.

Refletido sobre estas transformações sociais, é possível enxergar este novo mundo, o qual possui grandes dilemas. Se as mudanças trouxeram benefícios, também trouxeram inúmeros problemas.

O Estado que abriu as fronteiras ao capital, já não consegue mais barrá-lo, causando disparidades sociais e regionais inimagináveis; mesmo que a pobreza tenha sido reduzida, o meio ambiente sofre as consequências e a desigualdade social aumenta.

Se a tecnologia integrou a sociedade, hoje ela quem dita o futuro. Há ascensão das empresas do mercado digital como os principais *players* do mundo, pois possuem todos os dados das pessoas e ao mesmo tempo não é possível controlar seus funcionamentos por instâncias nacionais. As crises são grandiosas, o fim da privacidade, o autoritarismo digital e o monopólio da informação são as primeiras consequências. Quem disse que o Grande Irmão²⁵ teria que ser necessariamente o Estado? Pelo visto, são as empresas do mercado digital.

A democracia liberal, um projeto ambicioso dos tempos atuais sofre questionamentos, há crises de representatividade, há crise de aceitação do modelo, há novas formas de participação política totalmente descentralizadas questionando o formato institucional criado e há uma rachadura na parede que separava o público do privado.

Por fim, a humanidade caminha perdida. Há uma fluidez entre valores, posicionamentos e verdades. As *Fake News*²⁶ brotam da “pós-verdade”²⁷, e o mundo se torna um grande projeto mentiroso. A educação passa a ser questionada, a desconfiança contra os mestres torna-se as manifestações a favor da ignorância e do caos. O projeto ideal prometido por estes arranjos sofre o questionamento final: o sistema não deu o retorno aos insatisfeitos do que se prometia.

²⁵ Referência ao livro “1984” de George Orwell.

²⁶ Termo alcinhado a notícias falsas propagadas com fins políticos.

²⁷ Expressão ficou famosa ao ser usada pelo presidente dos EUA Donald Trump, que se referia aos tempos atuais, trazendo uma concepção sofista de discurso.

Transversalmente, pautas de organismos e a sociedade civil organizada nascem como formas de proteger indivíduos e grupos minoritários, uma forma de encontrar uma ordem em um mundo que esquece aos poucos a importância de proteger as minorias.

O pacto maior de paz, torna-se, aos poucos, sujeito à interpretação. Se a guerra mundial não é presente no imaginário contemporâneo, os robôs e os drones fazem guerras restritas, situadas em lugares bem demarcados. A guerra comercial e os embargos econômicos figuram como outra forma de guerra. Questiona-se: a guerra global acabou desde 1945 ou só mudou de faceta?

Neste cenário, como o Estado se sairá, que Estado virá neste século ou, outra questão mais importante, ele ainda existirá? São questões a serem explicadas por esta dissertação.

1.1 O TEMA A SER DESENVOLVIDO E SUAS LIMITAÇÕES

A dissertação busca identificar as tendências do Estado contemporâneo, e encontrar respostas ao desenho institucional do século XXI, buscando verificar os riscos do fim deste Estado. É um importante tema da Academia, estudado em diversos ramos das ciências humanas, por isto, o seu estudo no âmbito da Teoria Geral do Estado deverá obrigatoriamente ser respaldado pela transdisciplinaridade, contudo, sem ignorar a necessidade de determinadas especializações oriundas de outros métodos na obtenção de determinados resultados-meio.

Mesmo sendo o tema objeto de estudo de diversas áreas na Academia, ainda carece de estudos relevantes que consigam propor a conciliação entre a teoria e a prática, entre a abstração do objeto e do método e a compreensão da realidade, sendo notada na pesquisa feita ao projeto uma quantidade baixa de trabalhos que focam na cientificização ou no desenvolvimento do tema “Futuro do Estado” como objeto central e calcado na realidade.

No que concerne aos enfoques da pesquisa apresentados, primeiro, o trabalho busca explicar as principais tendências do Estado contemporâneo, que ilustrará as razões das mudanças deste Estado neste século. Para tanto houve a necessidade de promover uma análise histórica a partir de 1945, a fim de delinear a conjuntura formada por todos os fatos

políticos, sociais, econômicos, militares, geopolíticos, artísticos e tecnológicos que culminaram nestas modificações.

Segunda parte refere-se à busca por compreender o futuro do Estado, ora, é tarefa de todo cientista propor prognósticos já que seus resultados podem trazer grandes descobertas, e todo cientista deve se propor às grandes descobertas²⁸. Nesta perspectiva, tendo o conhecimento histórico e contemporâneo, é possível vislumbrar quais as principais tendências deste Estado.

Terceiro, por fim, considerando-se que o percurso feito trouxe à baila a evolução dos Estados contemporâneos, os motivos que os levaram àquela posição e a criação institucional que sustenta aquela condição, é possível verificar se há a possibilidade do fim do Estado.

²⁸ DALLARI, Dalmo de Abreu. *O futuro do Estado*. 2. ed. São Paulo: Editora Saraiva, 2007. p. 34.

6 RESULTADOS FINAIS

A pesquisa acadêmica fundamenta-se em três partes principais: (i) metodologia e objetivos; (ii) conteúdo produzido e (iii) resultados, assim, cumpra-se neste momento a parte conclusiva desta dissertação.

Concluiu-se que os Estados estão em um contexto de aumento de complexidade, inerente de uma interdependência crescente (obviamente com oscilações decorrentes da conjuntura) e uma necessidade de atualização constante.

Outro resultado é que o mundo contemporâneo é dotado de um poder difuso, de relações internacionais cada vez mais intensas, de soberania compartilhada, e de Estados com crises epistemológicas.

A conjuntura atestou para quatro modificações situacionais que implicam nas modificações do Estado:

- (i) Economia: a hegemonia do capitalismo global gerou enfraquecimento do poder estatal que não consegue frear as tendências liberais, ademais o capitalismo provoca uma crise no Estado devido sua velocidade, intensidade e imensa renovação.
- (ii) Política e direito: há uma crise da democracia e das instituições públicas, decorrentes de uma crise epistemológica do Estado que não consegue se adaptar a um mundo integrado e globalizado, com demandas *online* e com novos valores. Neste prisma há uma criação múltipla e difusa no plano internacional de mecanismos supra, trans e inter para regulação e promoção de políticas públicas e de normas que efetivem a boa relação entre os diversos atores políticos. Cabe ressaltar que este amálgama que está sendo construído não possui uma única direção, são estruturas sobrepostas.
- (iii) Humanidade: o Estado lida com seu caráter mais paradigmático. A paz, os direitos humanos e a educação são chaves fundamentais para as mudanças do

Estado em torno das melhorias sociais e da defesa dos pilares liberais e democráticos norteadores da humanidade nas últimas décadas.

- (iv) Tecnologia: o grande calcanhar de Aquiles do Estado. Se bem atento, perceberá que todas as outras mudanças que alteram o Estado também decorrem dos progressos tecnológicos. Consta, portanto, ser a tecnologia digital o maior desafio à existência dos Estados. São dois mundos distintos que necessitarão coexistir.

Conclui-se pelos resultados indicados que o Estado não tende a sumir no curto e médio prazo, todavia sofrerá grandes modificações de sua estrutura, de suas funções e de sua natureza. Não há ainda condição de se analisar se o Estado resistirá.

Supondo que o Estado sucumba, há a tendência da formação de novo poder político, evidentemente, com perfil renovado e encaixado aos novos tempos, mas que possui o mesmo DNA do Estado, com características similares.

Quanto aos valores que o Estado democrático de direito defende, estes, sim, estão ameaçados dadas às grandes modificações que afrontam à liberdade, à igualdade e à segurança jurídica, sobre os quais, o Estado fragilizado como está, talvez não consiga proporcionar a devida proteção.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS: “o velho está morrendo e o novo ainda não pode nascer”⁴⁰⁸

(Fonte: Joseph Eid, da agência France Press)⁴⁰⁹

Reflexões a serem feitas. Em todos os momentos anteriores, o Estado possuía a seu favor o estático, o imóvel, sendo o direito seu maior expoente da sua qualidade. Ao pensar o mundo atual percebe-se uma dinâmica nova, rápida, intensa e, sobretudo, que veio para ficar. É impossível pensar que o mundo regredirá em integração, velocidade e intensidade.

⁴⁰⁸ Frase adaptada do filósofo Antônio Gramsci (1891-1937).

⁴⁰⁹ Foto tirada em 2017 em Aleppo (Síria) após bombardeios que destruíram a cidade decorrentes da guerra que ocorre na região entre a oposição síria e as forças do regime sírio.

E o velho Estado? A preocupação não é se ele acabará, ou se ele será substituído. Para isto, como foi visto, existirá outras instituições a cumprirem seu papel, inclusive filhos deste.

A preocupação é que o Estado é o bastião da democracia, dos direitos humanos e dos princípios dignos que norteiam a sociedade a um fim justo e que sem ele talvez não haja ninguém para proteger tais grandes objetivos e sentimentos.

Antes houve a disputa entre o Estado democrático e o Estado totalitário. Em algum momento o Estado democrático vencera. Antes houve a possibilidade da continuação da guerra total após a Segunda Guerra Mundial ou a defesa incessante pela paz, a segunda opção foi a escolhida. Antes havia sobre a mesa a possibilidade de escolha entre a economia comunista e a economia capitalista liberal, o capitalismo tornara-se hegemônico. Antes existiam as fronteiras e o mundo separado entre nações, hoje o cosmopolitismo demonstra vigor e possibilidades de se concretizar num horizonte.

Neste momento há uma outra disputa sobre a qual a humanidade terá que fazer uma nova escolha: a disputa é entre o Estado e uma mão invisível tecnológica que insiste em esconder seu rosto, seus valores e suas concepções mundiais.

A disputa agora é entre o imponderável e desenfreado cavalo do progresso e o Estado. E quanto a isto, deve se temer. Nada mais cega o homem do que a crença em sua própria inteligência.

O Estado deve ser feito para a velocidade do homem, para favorecer os interesses do homem, para cultivar a vida do homem. Ele não é feito para atender à velocidade de máquinas. O Estado deve sentir as demandas sociais. O Estado deve julgar aristotelicamente. O Estado deve pensar no bem-estar social. O Estado não foi feito para racionalizar, padronizar e produzir, não é para agradar o capital, não é para agradar estatísticas, é para fazer a coisa certa.

Que o Estado não copie seu arquirrival. No final das contas é sempre uma disputa por poder e aqui está bem colocado o que se pode apresentar como uma polaridade: de um lado, a democracia representativa, a liberdade, a igualdade e o progresso equilibrado

respeitando a dignidade humana e o meio ambiente. Do outro, risco, disparidades nunca observadas antes e uma tendência a robotizar o homem e a sociedade. Que o homem tenha pela primeira vez uma vaidade positiva, orgulhe-se de ser humano e mantenha o seu devir intacto. Que se orgulhe da paz escolhida, que se orgulhe do bom convívio entre os Estados. Que se orgulhe do equilíbrio. Que se orgulhe do seu livre arbítrio, que se orgulhe da compaixão. Eis a joia da coroa.

É evidente que o futuro não é amigo da humanidade. Mas é evidente que o presente o é. Que sejam tomadas as decisões corretas.

Termina-se ponderando, “o velho já morreu mas o novo ainda não nasceu”, metaforicamente à imagem, eis a humanidade com seu cachimbo, olhando a destruição dos novos tempos, incompreendendo o passado, temendo o presente e delirando sobre o futuro. Não existe o futuro do Estado sem pensar no melhor futuro para as pessoas, e não existe o melhor futuro para as pessoas sem uma verdadeira reflexão epistemológica e metafísica sobre os motivos e as razões da existência humana. O Estado tem fins os quais devem ser aperfeiçoados e defendidos.

REFERÊNCIAS

ABOTT, Kenneth; SNIDAL, Duncan. Why states act through formal international organizations. *The journal of conflict resolution*, [s.l], v. 44, n. 1, p. 3-32, feb. 1998.

ACCIOLY, Hildebrando. *Manual de Direito Internacional Público*. 22. ed. São Paulo: Saraiva, 2016.

ACHEN, Christopher; BARTLES, Larry. *Democracy for realists: Why elections do not produce responsive government*. Princeton: Princeton University Press, 2016.

ARCHIBUGI, Daniele; HELD, David. (Ed.). *Cosmopolitan Democracy: an agenda for a new world order*. Oxford, UK: Polity Press, 1995.

ARENDT, Hannah. *A condição humana*. Tradução Roberto Barroso. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1983.

ARRIGUI, Giovanni; SILVER, Beverly. *Caos e governabilidade*. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 2001.

BAUMAN, Zigmunt. *Modernidade líquida*. Tradução Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BECK, Ulrich. *Sociedade de risco: rumo a uma outra modernidade*. Tradução Sebastião Nascimento. São Paulo: Editora 23, 2010.

BÍBLIA. *Apocalipse: Os mil anos - 20:11*. Tradução Alfalit Brasil. Rio de Janeiro: Alfalit Brasil, 2001. p. 279 (O novo testamento).

BITTAR, Eduardo. *O Direito na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.

BLUMANN, Claude; DUBOUIS, Louis. *Droit institutionnel de l'Union européenne*. 5. ed. Paris: Lexis Nexis S.A., 2013.

BOBBIO, Norberto. *El futuro de la democracia*. Traducción Juan Moreno. Torino: Plaza & Janes Editores S.A., 1985.

BROWN, Michael; COTÉ JR., Owen; LYNN-JONES, Sean; MILLER, Steven. (Ed.). *New global dangers*. Cambridge: The MIT Press, 2004.

CAIRNEY, Paul; GEYER, Robert. A critical discussion of complexity theory: how does 'complexity thinking' improve our understanding of politics and policymaking? *University of Bamberg Press*, Bamberg, p.1-16, aug. 2016.

CASSESE, Sabino. *A world government?* Sevilla: Global Law Press Editorial Derecho Global, 2018.

_____. Reestruturando o Estado: do Estado-Nação à comunidade política global. In: DALLARI, Maria Paula (org.). *Teoria do Estado – sentidos contemporâneos*. São Paulo: Saraiva, 2018.

CASTELLS, Manuel. *A galáxia da internet*. Tradução Maria X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003. p. 53

_____. *A sociedade em rede*. Tradução Roneide Venâncio Majer. 6. ed. v.1. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

_____. *O poder da identidade*. Tradução Klauss Brandini Gerhardt. 8. ed. v. 2. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

_____. *Ruptura: a crise da democracia liberal*. Tradução Joana Angélica d' Avila Melo. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.

CHAUÍ, Marilena de Souza. *Convite à filosofia*. 14. ed. São Paulo: Ática, 2011.

CHEVALLIER, Jacques. *O Estado pós-moderno*. Tradução Malçal Justen Filho. Belo Horizonte: Editora Fórum, 2009.

CURTIS, Adam. *O poder dos pesadelos*. Documentário sobre hegemonia e terrorismo. 2006. Disponível em: <http://www.dailymotion.com/video/x13t1rm_o-poder-dos-pesadelos-1-3-esta-frio-la-fora-baby_news>. Acesso em: 25 set. 2020.

DAHL, Robert. *On democracy*. New Haven: Yale University, 2000.

DALLARI, Dalmo de Abreu. *Da atualização do Estado*. 1963. Tese (Livre Docência) – Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo, 1963.

_____. *Elementos de Teoria Geral do Estado*. 28. ed. São Paulo: Editora Saraiva, 2009

_____. *O futuro do Estado*. 2. ed. São Paulo: Editora Saraiva, 2007.

DALLARI, Pedro B. A. The integration of the law in a politically fragmented world. In: VASCONCELOS, Álvaro (Org.). *Brasil nas ondas do mundo*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2017.

DELMAS-MARTY, Mireille. *Les forces imaginantes du droit: Le relatif et l'universel*. Paris: Seuil, 2004.

DE PAULA, Juan Rodrigues. *As relações de poder entre Estados-nações na globalização contemporânea: suas consequências à soberania nacional*. 2015. Tese de Láurea (Departamento de Direito do Estado) – Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

_____. *Soberania nacional na globalização contemporânea: a crise do conceito e a necessidade da manutenção de seus paradigmas*. 2015. Relatório final (pesquisador em Direito do Estado – DES) – Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

DEWEY, John. *Democracy and education*. New York: Macmillian Company, 1916.

DUPAS, Gilberto. *Atores e poderes na nova ordem global: assimetrias, instabilidades e imperativos de legitimação*. São Paulo: Editora UNESP, 2005.

DURKHEIM, Émile. *As formas elementares da vida religiosa*. Tradução Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

FARIA, José Eduardo. *Direito e globalização econômica: implicações e perspectivas*. São Paulo: Malheiros, 2004.

FERRAJOLI, Luigi. *A soberania no mundo moderno: nascimento e crise do Estado nacional*. Tradução Carlo Coccioli. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

FERRAZ JUNIOR, Tercio Sampaio. *O direito entre o futuro e o passado*. São Paulo: Noeses, 2014.

FRANCK, Thomas M. *Fairness in international law and institutions*. New York: Oxford University Press, 2002.

FUKUYAMA, Francis. *O dilema americano: Democracia, poder e o legado do neoconservadorismo*. Tradução Nivaldo Montingelli Jr. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.

_____. *O Fim da História e o Último Homem*. Tradução Aulyde Soares Rodrigues. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.

_____. *Ordem e decadência política*. Tradução Nivaldo Montingelli Jr. Rio de Janeiro: Rocco, 2018.

GARDNER, Howard. *Cinco mentes para o futuro*. Tradução Roberto Cataldo Costa. Porto Alegre: Artmed Editora S.A., 2007.

GRIMAL, Pierre. *Dicionário da mitologia grega e romana*. 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

HAESBAERT, Rogério. Concepções de território para entender a desterritorialização. In: BECKER, Bertha Koiffmann; SANTOS, Milton (Ed.). *Território, territórios: ensaios sobre o ordenamento territorial*. 3. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007.

HANFT, Adam; POPCORC, Faith. *O dicionário do futuro*. Tradução Maurette Brandt. Rio de Janeiro: Campus, 2002.

HARARI, Yuval Noah. *Homo deus: uma breve história do amanhã*. Tradução Paulo Geiger. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

_____. *21 lições para o século 21*. Tradução Paulo Geiger. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

HARVEY, David. *The condition of postmodernity*. Victoria: Blackwell Publishing, 2011.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. *Cursos de estética I*. Tradução Marco Aurélio Werle. 2. ed. 1. Reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015.

HOBSBAWM, Eric. *Era dos Extremos: o breve século XX (1914-1991)*. Tradução Marcos Santarrita. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

_____. *Globalisation, democracy and terrorism*. London: Abacus, 2007.

HUNT, Kay. *História do pensamento econômico*. Tradução José Ricardo Brandão Azevedo e Maria José Cyhlar Monteiro. 2. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.

HUNTINGTON, Samuel Phillips. *O choque de civilizações: e a recomposição da ordem mundial*. Tradução M. H. C. Côrtes. Rio de Janeiro: Objetiva.

IANNI, Octavio. *Teorias da globalização*. 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997.

INNERARITY, Daniel. *A política em tempos de indignação*. Tradução João Pedro George. Rio de Janeiro: LeYa, 2017.

_____. La política después de la indignación. *Claves de razón práctica*, [S.l.], n. 218, p. 30-42, dic. 2011.

JAPIASSU, Hilton. *Interdisciplinaridade e patologia do saber*. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

JELLINEK, Georg. *Teoria General del Estado*. Buenos Aires: Editorial Albatros.

KELSEN, Hans. *Teoria pura do direito*. Tradução João Baptista Machado. 8. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.

KENNEDY, Paul. *Ascensão e queda das grandes potências: transformação e conflito militar de 1500 a 2000*. Tradução Waltersir Dutra. Rio de Janeiro: Campus, 1989.

_____. *The parliament of man: the past, presente, and future of the United Nations*. New York: Randon House, 2006.

KEOHANE, Robert Owen. *Power and interdependence*. 3. ed. New York: Longman, 2001.

KHUN, Thomas. *A estrutura das revoluções científicas*. Tradução Beatriz Vianna Boeira e Nelson Boeira. 12. ed. São Paulo: Perspectiva, 2013.

KISSINGER, Henry. *Ordem Mundial*. Tradução Cláudio Figueiredo. Rio de Janeiro: Objetiva, 2015.

LAFER, Celso. *Relações internacionais, política externa e diplomacia brasileira: pensamento e ação*. v. 1. Brasília : FUNAG, 2018.

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. Tradução Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 1999.

LEWANDOWSKI, Enrique Ricardo. *Estado mínimo, pós-modernidade e desglobalização*. Consultor Jurídico. Abr. 2017. Disponível em: < <https://www.conjur.com.br/2017-abr-04/lewandowski-estado-minimo-pos-modernidade-desglobalizacao> >. Acesso em: 25 set. 2020.

_____. *Globalização, Regionalização e Soberania*. São Paulo: Juarez de Oliveira, 2004.

LUHMANN, Niklas. *Sistemas sociais*. Tradução Antonio Luz Costa. Petropolis: Vozes, 2016.

MAGNO, Albino Pereira. *Dicionário mitológico*. Lisboa: Livraria Popular, [S.d.].

MARCONI, Marina de Andrade; PRESOTTO, Zélia Maria Neves. *Antropologia: uma introdução*. 5.ed. São Paulo: Editora Atlas S.A., 2001.

MAURY, Jean-Pierre. *Newton y la Mecánica Celeste*. Barcelona: Blume, 2012.

MINOIS, Georges. *História do futuro: dos profetas à prospectiva*. São Paulo: Editora UNESP, 2016.

MORGENTHAU, Hans Joachim. *A Política entre as nações: a luta pelo poder e pela paz*. Tradução Oswaldo Biato. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2003.

MORIN, Edgar. *A cabeça bem feita*. Tradução Eloá Jacobina. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.

_____. *A religação dos saberes*. Tradução Flávia Nascimento. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

_____. *O método 5: a humanidade da humanidade*. Tradução Juremir Machado da Silva. 5. ed. Porto Alegre: Sulina, 2002.

_____. *O método 6: ética*. Tradução Juremir Machado da Silva. 5. ed. Porto Alegre: Sulina, 2017.

NEVES, Marcelo. *Entre Hidra e Hércules: princípios e regras constitucionais como diferença paradoxal do sistema jurídico*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

_____. *Entre Têmis e Leviatã: uma relação difícil: o Estado democrático de direito a partir e além de Luhmann e Habermas*. 3. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012.

_____. *Transconstitucionalismo*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.

NYE, Joseph Samuel Jr.. *Cooperação e conflito nas relações internacionais*. Tradução Henrique Amat Rêgo Monteiro. São Paulo: Editora Gente, 2009.

_____. *O futuro do poder*. Tradução Magda Lopes. São Paulo: Benvirá, 2012.

PIKETTY, Thomas. *Capital in the twenty-first century*. London: The belknap Press of Harvard University City Press, 2014.

RANIEIRI, Nina Beatriz Stocco. *Teoria do Estado: do Estado de Direito ao Estado democrático de Direito*. Barueri, SP: Manole, 2013.

RUIZ, Carlos Enrique Ferreira. *Direitos Humanos e Soberania: o projeto universal-cosmopolita versus o Estado-emuralhado-nacional*. 2009. Tese (Doutorado em Ciência Política) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

SALOMON, Dêlcio Vieira. *Como fazer uma monografia*. 11. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

SCHMITT, Carl. *El Leviathan en La teoria del estado de Tomas Hobbes*. Traducción de Francisco Javier Conde. Granada: Editorial Comares, S.L., 2004.

SEVERINO, Antônio Joaquim. *Metodologia do trabalho científico*. São Paulo: Cortez, 2010.

SHOSHANA, Zuboff; *The Age of Surveillance Capitalism*. New York: Public Affairs-Hachette, 2019.

SPENGLER, Oswald. *The decline of the West*. vol. 1. Nova York: Alfred A. Knopf, 1946.

STEINER, Henry; ALSTON, Philip; GOODMAN, Ryan. *International human rights in context: Law, politics, morals*. 3. ed. New York: Oxford University Press, 2007.

STREECK, Wolfgang. *Tempo comprado: a crise adiada do capitalismo democrático*. São Paulo: Boitempo, 2018.

TEIXEIRA, Anderson Vichinkeski. *Teoria pluriversalista do direito internacional*. São Paulo: Editora WF Martins Fontes, 2011.

TEUBNER, Gunther; FISCHER-LESCANO, Andreas. *Regime -Kollisionen: Zue fragmentierung des globalen rechts*. Frankfurt: Suhrkamp, 2006.

TOYNBEE, Arnold J. *Civilization on Trial*. New York: Oxford University Press, 1948.

_____. *Estudos de história contemporânea: a civilização posta a prova, o mundo e o ocidente*. 4. ed. São Paulo: Nacional, 1996.

WALTZ, Kenneth Neal. *Teoria das Relações Internacionais*. Tradução Maria Luísa Felgueiras Gayo. Lisboa: Gradiva, 2002.

ZAKARIA, Fareed. *O mundo pós-americano*. Tradução Pedro Maia. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ZISCHKA, Anton. *Países del futuro: Um análisis de alcance mundial de los países y regiones de mayor porvenir em la producción de primeras matérias*. Traducción Jaime Bofill y Ferro. Barcelona: Ediciones Omega S.A., 1950.

GLOSSÁRIO

Administração indireta: Delegação de funções do Estado para outras entidades. O governo concede que serviços de responsabilidade pública sejam realizados por empresas de forma que a administração estatal se torne descentralizada.

Bacterror: “o pânico que se segue ao medo – ou à realidade – de um ataque terrorista por bactérias ou vírus”⁴¹⁰.

Big data: Aparato de ferramentas com capacidade excepcional de compilar um enorme volume de dados. Ao sistematizar diferentes informações em uma velocidade extremamente rápida, cria-se um banco de dados que pode ser usado para direcionar interesses políticos, publicitários, ideológicos, mercantis, entre outros.

Ciberespaço: Lugar abstrato no qual ocorrem as comunicações por rede.

Entidades supranacionais: Instituições formadas por dois ou mais países. Essa relação não cria um novo Estado, mas estabelece um conjunto de obrigações e deveres entre os membros. As entidades, no geral, buscam facilitar trocas de informação, mercadorias e/ou pessoas. Pode-se, ainda, tentar estabelecer uma unidade política e monetária por meio desses órgãos.

Ergonarquia: sistema em que trabalhar para fazer fortuna tornou-se o motor de nossas vidas⁴¹¹.

Escritórios não-territoriais: fórum que funciona no conceito não-territorial, em que uma empresa se organiza por meio de espaços de trabalho não-físicos, nas redes, em que aflora a comunicação, a mobilidade e a economia⁴¹².

⁴¹⁰ HANFT, Adam; POPCORC, Faith. *O dicionário do futuro*. Tradução Maurette Brandt. Rio de Janeiro: Campus, 2002. p. 256.

⁴¹¹ *Ibid.*, p. 210.

⁴¹² *Ibid.*, p. 32.

Estado democrático de direito: É o Estado regido pelo respeito à liberdade, aos direitos humanos e às garantias fundamentais. O aparato político desse tipo de Estado é limitado pela lei.

Estado-nação: Governo que apresenta poder legítimo e soberano sobre um território. Existe, neste espaço, um grupo de pessoas que reconhece uma unidade cultural, constituindo uma nação.

Estudo das falhas: nova área de conhecimento responsável por estudar as falhas básicas que afligem nosso mundo⁴¹³.

Extinção de idiomas: com a globalização e a internet, há uma tendência da extinção de alguns idiomas e na homogeneização da língua inglesa⁴¹⁴.

Globalização: Aproximação de economias, causada pela maior facilidade de locomoção física entre países e desburocratização de fronteiras. Esse é um fenômeno extremamente ambíguo e impactante. Enquanto países tendem a facilitar o fluxo de mercadorias, pessoas e informações, intercâmbios indesejados são rigidamente evitados. Além disso, a maior integração entre nações questiona os pilares estatais segundo a Teoria Geral do Estado (território, soberania e povo, principalmente).

Guerras na rede: batalhas políticas travadas via internet⁴¹⁵.

Hiber-nação: neo-isolacionismo. momento em que as pessoas se rebelarão contra a interdependência e a tensão decorrente dos riscos e da falta de controle do sistema⁴¹⁶.

Inteligência Artificial: Área da computação que busca desenvolver máquinas com a capacidade de raciocínio humano. Tenta-se criar programas que consigam pensar, tomar decisões e agir como o Homem.

⁴¹³ HANFT, Adam; POPCORC, Faith. *O dicionário do futuro*. Tradução Maurette Brandt. Rio de Janeiro: Campus, 2002. p. 349.

⁴¹⁴ *Ibid.*, p. 183.

⁴¹⁵ *Ibid.*, p. 189.

⁴¹⁶ *Ibid.*, p. 194.

Legitimidade: Condição que torna um poder, praticamente, inquestionável. Atualmente, a legitimidade está muito associada à legalidade, ou seja, é legítimo o que seguir a lei. A legitimidade também está relacionada à capacidade de um governo de aplicar políticas públicas.

Multiexpertise: pessoa com grande conhecimento em múltiplas áreas, o que é uma tendência do futuro⁴¹⁷.

Nação: Grupo de pessoas que compartilham uma unidade cultural.

Pilhagem global: pilhagem da aldeia global em que empresas colocam trabalhadores e países uns conta os outros para ver quem oferece leis trabalhistas e ambientais mais favoráveis à exploração⁴¹⁸.

Política internacional: Relações estabelecidas por Estados fora de seu território. Com a globalização, se tornou cada vez mais comum países estabelecerem acordos em conjunto. Essa tendência cria um debate em relação à soberania. Discute-se até que ponto um Estado é soberano em seu território se seu poder de ação é limitado por tratados internacionais.

Povo: Grupo de indivíduos ligado a um Estado por um vínculo jurídico. Essa relação surge quando um indivíduo pertence à nação e possui a cidadania do país.

Privacidade: Aquilo relacionado à vida particular de um indivíduo. Quando se relaciona privacidade à tecnologia, trata-se tanto do respeito à vida íntima quanto às informações pessoais de alguém.

Profetas do medo: pessoas que vivem alertando sobre iminentes perigos culturais, ambientais e políticos, uma tendência da contemporaneidade⁴¹⁹.

⁴¹⁷ HANFT, Adam; POPCORC, Faith. *O dicionário do futuro*. Tradução Maurette Brandt. Rio de Janeiro: Campus, 2002. p. 40.

⁴¹⁸ *Ibid.*, p. 191.

⁴¹⁹ *Ibid.*, p. 258.

Proteção de dados: Medidas tomadas para evitar vazamento e uso inapropriado de dados pessoais. Essa atitude está, frequentemente, relacionada à criação de uma legislação reguladora da internet e de empresas de tecnologia. É necessário, no entanto, que haja um esforço conjunto entre Estado, empresas e população para garantir e fiscalizar o bom uso de informações.

Rico itinerante: Indivíduos abastados que podem viver e trabalharem onde querem, os primeiros cidadãos globais. Um novo nomadismo proporcionado pela globalização e pela rede digital⁴²⁰.

Soberania: Poder sobre um território. Estado tem reconhecido o direito quase que exclusivo de agir sobre seu território. Essa capacidade, no entanto, não exclui a necessidade de seguir certas convenções internacionais.

Sociedade maioria-minoria: espaço em que nenhum grupo-étnico isolado representa maioria. Fenômeno que está ocorrendo nos países desenvolvidos por conta da imigração⁴²¹.

Transculturais: pessoas de origem mista, a intersecção de várias culturas⁴²².

Vigilância: Estado de alerta. Quando se utiliza Estado de vigilância, retrata-se um governo que mantém uma rígida fiscalização da vida de sua população. Esse mapeamento, muitas vezes discreto, é possível por meio do desenvolvimento de diversas tecnologias que permitiram o acesso a inúmeras informações individuais. Apesar de ser muito relacionado a uma fiscalização imposta, a vigilância também se faz possível por meio do uso voluntário de eletrônicos, como celulares, GPS, aplicativos etc.

⁴²⁰ HANFT, Adam; POPCORC, Faith. *O dicionário do futuro*. Tradução Maurette Brandt. Rio de Janeiro: Campus, 2002. p. 323.

⁴²¹ *Ibid.*, p. 103.

⁴²² *Ibid.*, p. 104.